

RAFAEL FONTANA

FALAR

é

FÁCIL



SOLTE A VOZ EM 7 SEMANAS

Melhore sua oratória, vídeos, idiomas e muito mais

RAFAEL FONTANA

FALAR

é

FÁCIL

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2022

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial **CARLA SACRATO**

Preparação **GABRIELA DE ÁVILA**

Revisão **BÁRBARA PARENTE**

Capa, projeto gráfico e diagramação **VANESSA S. MARINE**

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
JÉSSICA DE OLIVEIRA MOLINARI CRB-8/9852

Fontana, Rafael

Falar é fácil / Rafael Fontana. -- São Paulo : Faro Editorial, 2022.

192 p. : il., color.

ISBN 978-65-5957-235-9

1. Autoajuda 2. Comunicação I. Título

22-4803

CDD 158.1

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

I. AUTOAJUDA



1ª edição brasileira: 2022

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 - Sala 310

Alphaville — Barueri — SP — Brasil

CEP: 06473-000

www.faroeditorial.com.br

PARTE 1

A NOSSA PARCERIA MUITO PRAZER



N

este livro, formaremos uma parceria sólida com ganhos visíveis a curto prazo.

Depois das apresentações iniciais, você deixará a condição passiva e se tornará participante desse processo de enriquecimento pessoal e profissional.

De início, vamos mostrar uma lista de metas e objetivos facilmente alcançáveis com essa nossa parceria. Mais do que objetivos, os pontos elencados na próxima página constituem benefícios para a sua vida.

Vire essa página, leia atentamente cada um dos itens da lista e mentalize positivamente cada um deles.

Depois, selecione os benefícios que mais almeja, aqueles que irão trazer a você total realização, e mentalize-os novamente de forma positiva.

Pronto, pode virar a página.

»» METAS E OBJETIVOS

Falar com segurança e convicção irá mudar para melhor a sua vida em todos os aspectos, seja na carreira, nos estudos e nas relações pessoais.

Entre os benefícios, falar bem contribui para:

- Aumentar a nossa autoconfiança;
- Impulsionar a nossa carreira;
- Melhorar a nossa imagem;
- Elevar a nossa renda;
- Motivar pessoas;
- Disseminar conhecimento;
- Criar oportunidades para liderar;
- Fortalecer a nossa autoestima;
- Aprimorar as relações interpessoais;
- Fomentar a autovalorização;
- Aperfeiçoar nossas habilidades de comunicação;
- Amplificar o pensamento crítico;
- Facilitar a socialização;
- Aprender a persuadir e a vender;
- Dominar idiomas estrangeiros;
- Ensinar um número maior de pessoas.

Como você acabou de ver nesta lista, os ganhos permeiam todas as esferas da sua vida e trazem benefícios para você, para a sua família e para a sociedade.

» O AUTOR

Rafael Fontana é jornalista, escritor e professor com 26 anos de carreira em diferentes áreas da comunicação.

Um dos maiores especialistas do Brasil em treinamentos de executivos, políticos e pessoas públicas, atua, ao mesmo tempo, na prevenção de riscos e no gerenciamento de crises em comunicação.

Ao longo de duas décadas, participou ou coordenou mais de 50 *media trainings* e “CPI *trainings*”, preparou pessoas convocadas a depor nas Comissões Parlamentares de Inquérito da Câmara dos Deputados e do Senado Federal.

No início da internet no Brasil, foi responsável pela produção e locução dos boletins de notícias em formato *slideshow* na AOL Time Warner, maior conglomerado de mídia e entretenimento do mundo no começo deste século.

Em Brasília, dirigiu o escritório da S2Publicom Weber Shandwick, braço do IPG (Interpublic Group), o principal grupo de comunicação empresarial, propaganda e marketing do mundo, que tem sede nos Estados Unidos e escritórios em 80 países.

Na cidade de Shijiazhuang (China), atuou como professor na Universidade de Comunicação de Hebei, onde ensinou a estudantes chineses Língua Portuguesa e tradução, além de colaborar no desenvolvimento da capacidade dos alunos estrangeiros de falarem o português.

Trabalhou na Rádio Internacional da China (CRI), em Pequim, onde acumulou a função de editor e locutor de notícias. Ainda na China, treinou profissionais chineses para narrar notícias de rádio e vídeos em língua portuguesa.

Em 32 meses, de setembro de 2019 a maio de 2022, fez 640 horas de lives na internet sobre comunicação, mídia e geopolítica, uma média de 20 horas por mês, totalizando 30 milhões de visualizações.

Além do português, o autor fala inglês e espanhol com fluência, e também se comunica em chinês e italiano.

»» COLABORADORES

Fernanda Fontana é fonoaudióloga formada pela USC — Universidade do Sagrado Coração (1995), pós-graduada em Psicopedagogia pela UNORP — Centro Universitário do Norte Paulista, e audiologia clínica pelo CEDIAU — Centro de Estudos dos Distúrbios da Audição. Trabalhou por oito anos com educação precoce na APAE. Fernanda atua como fonoterapeuta e audiologista. Em janeiro de 2022, iniciou um Curso de Aprimoramento em IHF (Identificação Humana Forense) para atuar como perita nas modalidades voz, fala, face e linguagem.

Eduardo Meira é empresário, professor e músico profissional. Poliglota, Eduardo morou quatro anos na China, de 2013 a 2017, período em que ensinou estudantes chineses em cursos de tradução para a Língua Portuguesa e para o Espanhol. Meira fala fluentemente português (nativo), chinês, inglês e espanhol, além de se comunicar em russo e francês para assuntos do dia a dia. Atualmente, Meira tem se dedicado aos estudos de árabe e italiano.

» A TRAJETÓRIA

MISSÃO DADA

Em 2017, quando eu trabalhava na Rádio Internacional da China, recebi a missão de ensinar uma jovem chinesa a falar bem nos programas de rádio e TV. Detalhe: ela precisava gravar em português, não em chinês. Dois anos depois, um vídeo dela nas redes sociais em português foi visto por mais de 5 milhões de brasileiros.

***Vou repetir o número: 5 MILHÕES.
Missão dada, missão cumprida.***

Essa é a história de Luana J., uma chinesa que mal conseguia articular em Língua Portuguesa quando a conheci, mas em pouco tempo deslanchou e ficou famosa nas redes sociais em outros países e falando um idioma estrangeiro totalmente diferente do seu.

Se uma cidadã chinesa é capaz de fazer sucesso falando português, **IMAGINE VOCÊ**. Diante deste exemplo, você não tem o direito de se intimidar com uma câmera e um microfone, muito menos em frente a uma multidão, dentro de uma sala de aula ou um auditório lotado.

Da mesma forma que eu a ajudei, farei o mesmo com cada uma das pessoas que lerem este livro. Dentro de sete semanas, você irá se comunicar muito melhor do que hoje, com mais objetividade e segurança.

Mágica? Não. Não existe mágica neste processo, até porque eu não conseguiria nada sozinho. O sucesso nesta missão iniciada agora depende mais de você do que de mim. Seremos parceiros.

Milagre? Sim, existe milagre. O milagre somos nós.

Ao avançarmos juntos nos capítulos deste livro, eu lhe oferecerei os instrumentos, os caminhos e a orientação, mas caberá a você se empenhar para evoluir a cada etapa. Em breve, você terá condições de caminhar com seus próprios passos, aperfeiçoando continuamente suas habilidades.

Eu irei lhe entregar as ferramentas necessárias, e, da mesma forma que você confia no meu trabalho, confio no seu potencial.

O quê? Você ainda está pensando na chinesa? O número de 5 milhões continua martelando na sua cabeça, não é? Afinal, um vídeo desses na plataforma correta pode render algo em torno de R\$ 30 mil.

É normal você estar se perguntando como eu fui capaz de dar a ela o impulso inicial. Pois bem, agora vou lhe contar um breve histórico da minha capacitação para ensinar as técnicas de fala, vídeo, entrevistas, locução, oratória, apresentação e discurso, entre outras áreas da comunicação, tanto em português quando em idiomas estrangeiros.

AUDIÊNCIA DE 300 MILHÕES

Depois de passar anos treinando executivos e porta-vozes de empresas e governos, apliquei em mim mesmo o conteúdo desses treinamentos. Eu o fiz em algumas oportunidades, e me lembro da entrevista que concedi à TV chinesa durante o 19º Congresso do Partido Comunista Chinês em 2017. Naqueles dias, junto com outros nove profissionais de nove países, cada um em sua língua nativa, nós preparamos a versão do discurso a ser proferido pelo presidente chinês, Xi Jinping, neste que é o evento mais importante da China e só é realizado a cada cinco anos.

Para coroar o trabalho, fomos entrevistados pelos veículos de mídia do país, falamos a jornais, portais da internet e emissoras de TV. A entrevista televisiva era a mais importante. Nesse nosso grupo de dez estrangeiros, apenas eu e os co-

legas do Vietnã e do Laos atuávamos no mercado de trabalho como jornalistas. Os demais trabalhavam como tradutores, linguistas e escritores. A entrevista seria individual, e cada um de nós entrou sozinho na confortável sala adaptada como estúdio, onde nos aguardavam os repórteres chineses.

Cada entrevistado permaneceu, em média, 30 minutos na sala. Menos eu, que saí em 10 minutos. E os colegas me perguntavam:

— O que houve? Você não vai participar da entrevista?

Sorrindo, eu explicava que a minha entrevista já havia terminado e que tínhamos explorado os temas mais importantes. Eles mal podiam acreditar. Graças à minha experiência, eu já sabia o que os repórteres desejavam ouvir para veicular no telejornal. E, por isso mesmo, a minha declaração foi parar no principal telejornal noturno da TV chinesa, uma mistura de Jornal Nacional com Voz do Brasil, já que sua transmissão é obrigatória nos canais estatais.

A minha entrevista, juntamente com as respostas de alguns colegas, repercutiu nos sites de notícia chineses e nas redes sociais. Assim, minhas palavras atingiram um público estimado em 300 milhões de pessoas, o equivalente a uma população e meia do Brasil. Naquele momento, tive a certeza de que meus ensinamentos eram mesmo valiosos, pois eu pude prová-los na prática.

CRIANÇA TÍMIDA

Nada de achar que os resultados caem do céu. Já passei por incontáveis dificuldades e desempenhos ruins durante a vida, mas perseverei, estudei, me esforcei para superar toda sorte de desafios.

Como muitos de vocês, na infância, eu era uma criança tímida. Não a mais tímida do bairro inteiro, mas confesso que eu admirava amigos e colegas da escola que se destacavam por falar

na hora certa, arrancavam risos da nossa turma e recebiam elogios dos professores mais pela desenvoltura oral que pelas notas obtidas nas provas. Eram muito mais articulados do que eu. Minha irmã e meu irmão também eram mais falantes e simpáticos.

Meu pai, bancário, sempre nos estimulou a ler, desde pequenos, nem que fossem as histórias em quadrinhos, na maioria das vezes gibis da Disney, da Turma da Mônica e histórias de super-heróis, além da revista *MAD*, que, naquela época, era a leitura mais subversiva ao alcance de uma criança.

Minha mãe, dona de casa e vendedora de cosméticos, era o melhor exemplo de comunicação que tínhamos dentro do lar. Afinal, ela precisava gastar saliva para vender seus produtos e, assim, complementar a renda da família.

Em casa, sempre tínhamos acesso a livros, jornais e revistas, e meu gosto pela leitura acabou me ajudando a aperfeiçoar minha escrita, tornando as minhas redações no colégio alvo de constantes elogios dos professores. Ávido pelo noticiário, meu interesse pelo jornalismo só aumentava, então, na hora de prestar vestibular, escolhi a área de comunicação social, na qual me formei.

Durante o curso de jornalismo, meu desempenho nas áreas práticas superavam com folga o das disciplinas teóricas. O professor de rádio, infelizmente, não nos ajudava muito. Ele estava mais interessado em encerrar a aula pela metade do que em nos ensinar alguma coisa. Além disso, a estrutura da universidade pública sempre foi um caos, os equipamentos não só eram ultrapassados como sempre davam problemas.

O professor de jornalismo televisivo, por outro lado, mesmo lecionando na universidade pública, era um apaixonado pelo seu ofício. Milton Campos se comprometia com os resultados como poucos. Dando tragadas no seu charuto, contava-nos sobre a realidade de um estúdio de TV. Entre uma baforada e outra, mencionava o glamour de se trabalhar na televisão,

ao mesmo tempo que nos alertava para as armadilhas, os riscos e as dificuldades em lidar com o cronômetro e a pressão diária do noticiário ao vivo.

Ao final dos semestres, depois de muito esforço e dedicação, consegui me classificar entre os alunos com nota mais alta em jornalismo televisivo e, pela primeira vez, me senti à vontade ao falar no vídeo. Uma atividade que certamente me ajudou a ganhar confiança foi o teatro. Havia um curso amador gratuito da Prefeitura de Bauru, o qual frequentei por dois anos enquanto estudava jornalismo. Ao final de cada ano, precisávamos montar e apresentar uma peça teatral como forma de conclusão do curso. Os exercícios vocais, assim como os de linguagem corporal, me ajudaram a superar a vergonha e a timidez.

Antes de me formar em jornalismo, porém, todos os meus estágios haviam sido na área escrita, em assessoria de imprensa ou produção de revistas. Internet era algo novo, a gente só conhecia de nome. Em Bauru, como no restante do interior de São Paulo, o mercado para rádio e TV era bastante limitado e disputado. Quando eu ainda era um jovem repórter de jornal, o produtor de um canal de TV me procurou dizendo que precisavam de profissionais com a minha capacidade de apurar notícias e recomendou meu nome a uma grande emissora.

Chamado para uma entrevista, escolhi a melhor roupa e cheguei um pouco antes do horário agendado nos estúdios localizados em São José do Rio Preto, interior de São Paulo. Ainda na sala de espera, eu estava nervoso, mas consegui controlar a ansiedade assim que a entrevista começou, dissipando a tensão e deixando a conversa fluir. Tudo corria bem até o momento em que o editor-chefe falou:

— Olha só, você preenche os requisitos, mas estamos procurando rostos mais simétricos que o seu, pessoas que ficam mais perfeitinhas no vídeo — disse ele.

Fiquei extremamente desapontado. Em suma, ele falou que eu era torto. Para aquele canal, as habilidades e experiências de um profissional pontuavam menos que um rosto “perfeitinho”. Lembrei do meu professor de teatro me dizendo, anos antes, que eu aparentava ter algum problema na voz. Pronto, agora eu acumulava mais um complexo a ser superado. No final daquela entrevista, o editor prosseguiu:

— Temos uma vaga para produtor, acho que você se sairia bem, mas não espere oportunidades no vídeo. Você pode começar na semana que vem.

Agradei, respondi que, antes de aceitar o novo emprego, precisaria comunicar ao jornal a minha decisão. Dias depois, mudei de ideia, recusei o emprego na TV e me dediquei àquilo que realmente gostava de fazer: escrever. Continuei no jornal e consegui emplacar matérias de destaque, no momento em que a internet ainda dava os primeiros passos no Brasil. A hora de desenvolver a oratória ainda não havia chegado para mim.

SUPERANDO O MEDO DO ‘AO VIVO’

Minha carreira no jornalismo impresso corria muito bem quando, em 1999, vivenciamos a bolha da internet. Aos 25 anos de idade, eu já havia trabalhado no jornal mais influente do Brasil, a Folha de S. Paulo, e acabara de receber uma proposta do concorrente, O Estado de S. Paulo, ao mesmo tempo que fui convidado a trabalhar no maior provedor de internet do mundo, a America Online, também em São Paulo. Optei pela internet, mesmo recebendo um salário um pouco inferior ao dos jornais. Eu estava apostando no futuro, não na renda, e faria isso outras vezes no meu percurso profissional.

Em questão de meses, houve uma fusão na empresa e nos vimos inseridos naquele que era, até então, o maior conglomerado de comunicação do mundo, o grupo AOL Time Warner. Pela primeira vez, exercitei a minha locução, narrando

os boletins diários de notícias no formato *slideshow*. Era uma novidade no alvorecer da internet e o resultado em termos de audiência revelou-se bastante satisfatório.

Por outro lado, eu não estava muito feliz com a minha locução, soava como uma mistura de estilos de jornalistas já consagrados na TV. Eu precisava criar meu próprio estilo, algo mais natural, relativo à minha personalidade. Porém, antes disso, perdi o emprego e acabei me mudando para Brasília.

Na minha primeira ocupação na capital do país, finalmente consegui desenvolver um estilo próprio produzindo boletins de rádio sobre educação. Eu era subcontratado pelo Ministério da Educação e minhas falas passaram a circular em emissoras de rádio de várias regiões brasileiras. Os boletins eram quase sempre gravados antecipadamente, não ao vivo, uma grande vantagem para os inexperientes como eu.

Na primeira vez em que precisei entrar ao vivo, congelei. Os radialistas são profissionais incríveis, ágeis, falam com facilidade e fluência, parece que nasceram prontos. A verdade não é essa, eles também desenvolveram suas habilidades e estilos, eu me inspirava no trabalho deles. Com o passar do tempo, eu me acostumei a fazer participações ao vivo.

SENHORAS E SENHORES, BOA TARDE!

Certo dia, em um evento do ministério, o mestre de cerimônias não apareceu para trabalhar, abatido por uma forte gripe. Eu já estava no auditório para fazer uma cobertura jornalística quando a chefe do Cerimonial veio falar comigo:

— Você já fez algum trabalho como mestre de cerimônia?

— Não — eu respondi, e completei —, eu só fiz teatro.

— Ok, é quase a mesma coisa — disse ela, e prosseguiu: —

Sobe lá no púlpito e comece a falar porque já estamos atrasados.

Pálido de vergonha, subi os degraus do palco como quem escala o monte Everest, carregando em minhas mãos um ro-

teiro todo rabiscado e remendado, o papel parecia pesar toneladas. O púlpito ao menos servia para esconder a tremedeira dos meus joelhos. Respirei fundo, olhei para o público, eram mais ou menos 300 pessoas, reconheci deputados e senadores na primeira fila, e vi, lá no fundo do auditório, a chefe de Relações Públicas gesticulando feito aqueles homens que ajudam o piloto a manobrar o Boeing no aeroporto, como quem diz: “Vai logo, meu filho, vai logo.” Respirei mais uma vez, e comecei:

— Senhoras e senhores, boa tarde! Bem-vindos à cerimônia de abertura do blá blá blá...

Olha, a performance não chegou nem perto de merecer um Oscar, mas foi segura o suficiente para, a partir daquele dia, eu ser alçado à condição de mestre de cerimônias substituto.

O HOMEM INVISÍVEL

Nos anos que se seguiram, minha atuação em Brasília exigia uma dose extra de discrição. Eu prestava assessoria para entes públicos e privados, incluindo ministérios, partidos, empresas e agências de comunicação. Minha voz, quando aparecia em algum boletim ou peça de marketing, nunca era acompanhada do meu nome.

Em 2008, comecei a prestar consultorias especializadas, incluindo no meu currículo o gerenciamento de crise em comunicação e *media training* (este último abordaremos mais adiante). Participei de treinamento de políticos, ministros e de executivos de algumas gigantes estatais e privadas, entre elas a Petrobras, Embratur, Bayer, Honda, Telefônica, Ambev e Samsung.

Vale mencionar que não existe curso de formação para o profissional de *media training* ou gerenciamento de crises. Esse é um ofício que se aprende no mercado, com a tarimba da carreira, somando a isso leituras específicas e acúmulo de conhecimento em diferentes setores.

Como referência em gerenciamento de crises, acabei sendo convocado por empresas para atuar em CPIs (Comissões Parlamentares de Inquérito) no Congresso Nacional. Valendo-me da condição de consultor e de uma densa rede de contatos em Brasília, eu conseguia circular por gabinetes de deputados e senadores, comissões e audiências públicas sem especificar quem era o meu cliente no momento.

Em cerca de oito anos, participei do treinamento de aproximadamente 30 depoentes de CPIs, sobre os mais diversos assuntos. Abastecido de informações estratégicas sobre os trabalhos da Polícia Federal, de juízes e promotores, além de senadores e deputados, eu considerava a discrição uma questão de sobrevivência.

Toda a minha capacidade retórica, assim como a oratória, só gozava de alguma serventia durante os treinamentos fechados. Fora deles, eu circulava como uma sombra pelos corredores da capital nacional, recebendo o apelido, entre alguns consultores, de *o homem invisível*.

Eu gostava do reconhecimento pelos meus esforços. Só que homem invisível, vocês sabem, não aparece.

GUINADA PARA O ORIENTE

Após um ano e meio trabalhando de domingo a domingo, em Brasília, ocupando a função de diretor da maior multinacional de comunicação do mundo, surgiu a oportunidade para eu trabalhar como professor universitário na China. O meu salário do outro lado da Terra seria o equivalente a um quarto da minha renda no Brasil, ou seja, eu precisaria abrir mão da minha vida confortável e, ao menos momentaneamente, da carreira construída a duras penas.

Não titubeei. Aceitei não só o novo emprego, mas também o desafio.

Quanto à renda, eu daria dois passos para trás, mas para ganhar impulso, pois, no futuro, eu restabeleceria o salário compatível com a minha capacidade. Assim, em 2015, eu desembarquei na Ásia para ensinar língua portuguesa a estudantes chineses em uma das cidades mais poluídas do mundo: Shijiazhuang (石家庄).

Lembram da Luana? Pois bem, quando eu a conheci em Pequim, um ano e meio mais tarde, no final de 2016, ela já havia concluído o curso de tradução na universidade e recém começara seu trabalho na Rádio Internacional da China, o que facilitou um pouco seu aprendizado. Porém — vamos viajar de volta para 2015 —, na universidade, eu precisava lidar com alunos chineses que não sabiam nem uma só palavra em português. Aliás, eles não sabiam nenhuma palavra em nenhum outro idioma, só conheciam o chinês mesmo.

A maioria das turmas era composta por mulheres, somando 80% do total. Chegavam à universidade com 17 ou 18 anos, mas pareciam meninas de 14 e 15 anos, muitas nunca tinham visto um estrangeiro na vida. Elas me olhavam espantadas quando me conheciam.

Hoje, dezenas das minhas ex-alunas trabalham em empresas chinesas espalhadas por diversas metrópoles do seu país ou pelo mundo, em nações como o Brasil, Portugal e Angola. Várias dessas jovens já ocupam posições de liderança e ganham um salário bastante alto para suas idades. Se eu consegui ensiná-las a se comunicar em português, então é muito mais fácil fazer o mesmo com brasileiros, nativos da língua.

Só preciso de uma coisa: que vocês se dediquem como elas. Vamos começar?

A SUA GRANDE VANTAGEM

Toda a experiência que acumulei será transferida a você a partir de agora. Anos de estudo, prática e atuação profissional lhe serão entregues de forma concisa e atual no mais completo guia já publicado no Brasil sobre oratória, vídeos, apresentações, discursos, idiomas, debates e outros temas afeitos à fala e à comunicação.

ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA INFORMAÇÕES DE TODOS
OS LANÇAMENTOS

www.faroeditorial.com.br



Campanha



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro. Faça o teste. Não fique na dúvida!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM OUTUBRO DE 2022